



Enfrentamento à violência escolar: um olhar sobre a formação inicial em Psicologia e Pedagogia

Addressing school violence: a look of initial training in Psychology and Pedagogy

Enfrentamiento a la violencia escolar: una mirada sobre la formación inicial en Psicología y Pedagogía

Vitória Prado Ramos¹

Graduanda em Psicologia pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul/SP, Brasil

Rodrigo Toledo²

Professor do curso de Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil

Recebido em: 26/07/2025

Aceito em: 29/10/2025

Resumo

O estudo foi conduzido a partir do cenário crescente de violência nas escolas, o que evidencia a necessidade de repensar a formação dos futuros profissionais da educação. A pergunta de pesquisa formulada foi: como a formação inicial em Psicologia e Pedagogia prepara os estudantes para enfrentar a violência escolar? Assim, o objetivo foi compreender de que modo essa formação capacita os estudantes para atuar diante da violência cotidiana no ambiente escolar. Para isso, foram realizados Grupos de Discussão com alunos dos cursos de Psicologia e Pedagogia. Os resultados foram organizados em categorias que abordam a compreensão dos participantes sobre a violência escolar, suas perspectivas sobre prevenção e enfrentamento, além de sugestões para o aprimoramento da formação inicial e da futura atuação profissional. As conclusões destacam a necessidade de aprofundar a discussão teórica, de forma crítica e reflexiva, a fim de embasar práticas e técnicas que promovam uma cultura de paz, contribuindo para o aprimoramento do clima e da convivência escolar.

Palavras-chave: Formação Inicial. Psicologia Escolar e Educacional. Violência Escolar.

Abstract

The study was conducted in response to the growing incidence of violence in schools, which highlights the need to rethink the training of future education professionals. The research question guiding the investigation was: how does initial training in Psychology and Pedagogy prepare students to address school violence? Accordingly, the objective was to understand how this training enables students to act in situations of everyday violence within the school environment. To this end, Discussion Groups were conducted with students from Psychology and Pedagogy programs. The results were organized into categories addressing participants' understanding of school violence, their perspectives on prevention and intervention, and their suggestions for improving initial training and future professional practice. The findings highlight the need to deepen theoretical discussions,

¹ vitoria.amos@uscsonline.com.br.

² toledordg@gmail.com.

critically and reflexively, to support practices and techniques that promote a culture of peace, thereby contributing to the improvement of climate and school coexistence.

Keywords: University Training. School and Educational Psychology. School Violence.

Resumen

El estudio se realizó a partir del escenario creciente de violencia en las escuelas, lo que evidencia la necesidad de repensar la formación de los futuros profesionales de la educación. La pregunta de investigación formulada fue: ¿cómo la formación inicial en Psicología y Pedagogía prepara a los estudiantes para enfrentar la violencia escolar? Así, el objetivo fue comprender de qué manera esta formación capacita a los estudiantes para actuar frente a la violencia cotidiana en el entorno escolar. Para ello, se realizaron Grupos de Discusión con alumnos de los cursos de Psicología y Pedagogía. Los resultados fueron organizados en categorías que abordan la comprensión de los participantes sobre la violencia escolar, sus perspectivas sobre prevención y enfrentamiento, además de sugerencias para la mejora de la formación inicial y de la futura actuación profesional. Las conclusiones destacan la necesidad de profundizar la discusión teórica, de forma crítica y reflexiva, con el fin de fundamentar prácticas y técnicas que promuevan una cultura de paz, contribuyendo a la mejora del clima y de la convivencia escolar.

Palabras clave: Formación Inicial. Psicología escolar y educativa. Violencia escolar.

Introdução

A crescente incidência de violência nas escolas indica não apenas a urgência de discutir esse fenômeno, mas também a necessidade de repensar a formação dos profissionais que atuarão nesses espaços. A necessidade de fortalecer a formação inicial torna-se evidente diante do aumento expressivo da violência escolar nos últimos anos. Como indica o relatório de política educacional produzido pela D³e – Dados para um Debate Democrático na Educação, organizado por Vinha et al. (2023), foram registrados trinta e seis ataques em escolas entre os anos de 2001 e 2023. Contudo, a escalada desses eventos em 2022 e 2023 é alarmante: dos trinta e seis ataques ocorridos em 22 anos, vinte e um aconteceram apenas nesses dois anos (58,33%), sendo dez em 2022 e onze em 2023.

Embora esses casos extremos recebam ampla atenção da mídia, eles representam apenas uma parcela da violência que ocorre diariamente nas escolas. Como destacam Tognetta e Vinha (2010), essa violência manifesta-se de diversas formas, incluindo agressões físicas e psicológicas entre os diversos atores escolares, mas também situações de humilhação e desrespeito por parte das instituições. O Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) reforça essa realidade ao registrar, por meio do Disque 100, um total de 9.530 denúncias de violência em instituições de ensino em 2023, um aumento de 50% em relação ao ano anterior. Considerando que uma denúncia pode abranger múltiplas violações, foram registradas 20.605 ocorrências em 2022 e 50.186 em 2023 (Brasil, 2023).

O cenário apresentado reforça a importância de uma formação inicial qualificada para os profissionais que pretendem atuar no campo da educação e que os prepare para lidar com os dilemas e desafios presentes no ambiente escolar, como destaca Toledo (2024). Diante dessa ideia, defende-se que é necessária uma formação inicial que prepare os futuros profissionais da educação, sejam eles professores, psicólogos escolares ou assistentes sociais, para atuar na identificação precoce das mais diversas formas de expressão violência, na promoção do respeito à diversidade e na construção de estratégias para prevenir e mediar conflitos.

Na mesma direção, defendemos como Machado e Fonseca (2023), que o enfrentamento da violência depende de ações de diversos agentes e instituições: controle público das plataformas digitais; o desarmamento da população; fortalecimento de espaços coletivos de construção das políticas; melhorias nas condições de vida e trabalho; investimento em trabalhadores da área da educação e saúde; fortalecimento da autonomia das escolas; cuidado físico e material das escolas.

Complementarmente, Tognetta e Vinha (2010) indicam que a violência é um problema real no dia a dia das escolas, e que em sua maioria é negligenciada pelas instituições, tornando-se necessário reavaliar e reconstruir práticas eficazes para lidar com estes problemas, ou seja, que a vivência na escola possa ser transformadora e libertadora para todos. Concordando com estas ideias, Vilalba (2020) defende que a escola tem que ser pensada como apoiadora na libertação dos jovens das suas amarras sociais e preconceitos. Pois não devemos pensar nas escolas apenas reflexo da sociedade, mas sim como uma instituição capaz de modificá-la e melhorá-la. Para a autora, a escola pode e deve, em parceria com uma equipe de profissionais qualificados, proporcionar um ambiente de respeito e bem-estar, combatendo a violência e proporcionando acolhimento e suporte às vítimas e aos agressores, pois é dessa forma, que será possível construir uma relação harmoniosa e positiva entre todos os atores escolares.

Para que essa transformação seja possível, é essencial contar com profissionais da educação qualificados e comprometidos com uma perspectiva crítica da escola, que tenham como horizonte a criação de um ambiente seguro, em que os direitos sejam garantidos e o respeito à diversidade seja prioridade. Nesse contexto, é fundamental reavaliar o processo formativo dos futuros educadores, assegurando que sua formação os prepare de maneira eficaz para lidar com os desafios da violência escolar.

Neste cenário temos como questão norteadora a seguinte preocupação: "Como a banalização da violência repercute nas situações vividas nas escolas brasileiras?" desdobrando-se no seguinte problema

de pesquisa: “Como a formação inicial prepara estudantes da área da educação para lidarem com a problemática da violência no ambiente escolar?”. Para direcionar o estudo, delineou-se com objetivo central “compreender de que modo a formação inicial capacita os estudantes para atuar diante da violência cotidiana no ambiente escolar. Desta forma, para a realização da coleta de dados foi realizado um Grupo de Discussão com estudantes dos cursos de Psicologia e Pedagogia. O uso de grupos de discussão é justificado por Weller (2006) ao considerar uma análise dos processos interativos em relação a uma determinada tradição teórica e histórica, sendo os participantes representantes sociais do contexto de pesquisa. Defende-se o uso deste procedimento para pesquisas que visam buscar a opinião ou percepções de dada população sobre um assunto específico.

A pesquisa foi apresentada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, após sua aprovação, deu-se início à pesquisa de campo sob o número de CAAE: 70104723.9.0000.5510.

Levando em consideração o engajamento e o desenvolvimento ético da pesquisa, foram tomados todos os cuidados necessários para evitar a exposição dos participantes a riscos desnecessários. A identidade dos participantes foi preservada e substituída por nomes fictícios, de forma a não prejudicar o entendimento dos dados coletados. Todos os participantes receberam informações claras a respeito dos riscos e benefícios da pesquisa, da livre participação e da garantia de preservação dos dados, anonimato, confidencialidade e livre acesso às informações em qualquer etapa do processo, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente aceito e assinado pelos participantes.

A seleção dos participantes seguiu a técnica de amostragem por bola de neve, conforme descrito por Vinuto (2014), em que informantes-chaves (sementes) foram identificadas por meio de redes sociais e um formulário eletrônico, após o preenchimento os participantes foram contatados individualmente por e-mail ou telefone para agendar os encontros presenciais.

Os grupos foram realizados presencialmente no Laboratório de Práticas Educativas e Comunitárias (LAPEC – USCS), alocado no Serviço-Escola de Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com autorização institucional para sua execução. Todos os procedimentos adotados para assegurar o sigilo e a confidencialidade estão em conformidade com a Carta Circular n.º 1/2021 – CONEP/SECNS/MS, itens 3.1, 3.2 e 3.3.

Os dados obtidos foram categorizados e analisados com base no referencial teórico da Psicologia Escolar Crítica e constructos teóricos da Psicologia Sócio-histórica. A seguir apresenta-se a caracterização dos participantes e as categorias de análise construídas a partir da realização do Grupo

de Discussão.

Desenvolvimento

Caracterização do Grupo de Discussão

Com ponto de partida, assumiu-se a compreensão de Minayo (2007, p. 24) que “trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” defende-se que a pesquisa se alocar o campo das pesquisas qualitativas, indicando dessa forma, seu caráter exploratório. Dessa maneira, a primeira etapa da pesquisa realizamos um Grupo de Discussão (Weller, 2006) com os participantes do Grupo 01 (estudantes de Psicologia, Pedagogia ou Cursos de Licenciaturas). Na pré-inscrição realizada por questionário obtivemos quarenta e três respostas, sendo que seis respostas foram invalidadas por não cumprirem os critérios de inclusão. Restando assim trinta e sete pré-inscrições válidas, todos foram convidados a participarem do Grupo de Discussão através de um e-mail com as informações sobre o local, dia e horário.

Os participantes do grupo de discussão eram estudantes dos cursos de Psicologia e Pedagogia, matriculados em universidades da região metropolitana de São Paulo, e estavam entre o 1º e o 10º semestre de seus respectivos cursos. Exceto por três estudantes de Psicologia, todos os demais tinham experiência prévia em ambientes escolares, incluindo uma estudante de Psicologia no 1º semestre que recentemente havia sido contratada para um estágio não obrigatório em escolas. Os estudantes relataram que suas experiências eram geralmente adquiridas por meio de estágios não obrigatórios e remunerados, nos quais desempenhavam funções como auxiliares de classe e acompanhantes terapêuticos.

Além disso, ao longo do grupo, foi revelado que três dos estudantes de Psicologia no 10º semestre estavam prestes a iniciar o estágio obrigatório em Psicologia Escolar, e um estudante de Pedagogia estava vivenciando uma experiência como professor de uma matéria complementar. Entre os participantes, quatro manifestaram a intenção de não seguir carreira na área educacional após a conclusão de seus cursos, incluindo um aluno de Pedagogia.

Os dados coletados durante o grupo de discussão foram organizados e sistematizados com base em categorias temáticas que emergiram da análise qualitativa das interações. Inicialmente, as transcrições das discussões foram cuidadosamente revisadas para identificar padrões e temas

recorrentes.

Com base no referencial teórico da Psicologia Escolar Crítica e nos constructos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica, as informações foram categorizadas em três eixos temáticos principais: I) Compreensão dos Futuros Educadores sobre Violência Escolar: Entre os Impactos da Mídia e as Lacunas da Formação Acadêmica, II) Entendimento dos Futuros Profissionais da Educação sobre a Prevenção e o Enfrentamento da Violência Escolar, e III) Caminhos para Aperfeiçoar a Formação Inicial para Habilitar Profissionais, de Forma Qualificada, para o Enfrentamento da Violência na Escola. Esses eixos temáticos foram utilizados para estruturar e interpretar os dados, facilitando a análise das percepções e sugestões dos participantes

Compreensão dos Futuros Educadores sobre Violência Escolar: entre os impactos da mídia e as lacunas da formação acadêmica

Nesta categoria buscamos compreender qual o entendimento dos futuros profissionais da educação básica sobre o tema pesquisado. No qual identificamos que os estudantes possuem clareza ao reconhecerem que a violência escolar se manifesta de diversas formas dentro do contexto escolar. Conseguindo citar exemplos de situações variadas quando solicitado, na onde apesar de “*massacres*” serem citados prontamente não foram aspecto central da discussão, citando outros tipos de violência que impactam o cotidiano escolar, dentre as quais podemos citar: “*bullying*”, “*violência contra professores*”, “*casos de negligência*”, “*assédios*”, “*violências institucionais*” e violências que invadem a escola, como “*invasões policiais*”. Todavia, esses exemplos acabavam por vir de histórias pessoais ou de conhecidos e de notícias da televisão e internet.

Sobre conhecimento teórico, o grupo relatou não ter tido contato com debates acerca do tema da Violência Escolar durante a graduação ou ter conhecimento sobre documentos oficiais ou outras referências técnicas que orientem a atuação no contexto da violência escolar. Os participantes comentaram que se informam sobre o tema através de notícias e matérias de televisão e internet. Isso se exemplifica nas seguintes afirmações:

Participante 5: "Não em sala de aula ou algo assim, mas já vi algumas reportagens sobre agressões, geralmente não de aluna contra aluna, mas de aluna contra professor, ou vice-versa. [...] cheguei a ver informações e um vídeo e em um filme novo, não vou lembrar o nome agora, que tratava exatamente da violência escolar. Era um filme inteiro sobre bullying, basicamente.

Participante 2: "Fora da sala de aula, a gente acaba assistindo no noticiário e nas redes sociais. E percebe que é algo que está crescendo, né? Cada dia que entramos (na internet), vemos uma notícia sobre uma criança, uma professora, ou algo relacionado ao tema."

Como exceção, um dos participantes relatou ter momentos desses debates em seu curso, mas sem saber especificar ou aprofundar no assunto. Colegas do mesmo curso não manifestaram opiniões de concordância. O Participante 3 afirma que "temos alguns momentos em que falamos sobre isso. Não vou lembrar de nenhum documento específico, mas sabemos que existem comissões formadas nas escolas. Essas comissões tendem a propor e pensar em medidas para aumentar a segurança".

Observa-se então uma realidade onde os futuros profissionais da educação formam seu entendimento sobre o fenômeno da violência escolar principalmente por meio das mídias, fora de sala de aula e apresentando desconhecimento acerca de referenciais teóricos ou documentos oficiais que promovam discussões e orientações acerca do tema, torna-se necessário entender como a mídia compreende e notícia esses fenômenos.

Conforme apontado por Marquez (2023), a forma como as diversas mídias noticiam eventos de violência escolar é frequentemente marcada por uma intensa espetacularização e altas doses de sensacionalismo. Esse processo contribui para a construção de pânico generalizado que desencadeia em um clima de insegurança sobre todas as escolas, prejudicando assim o cotidiano escolar.

Além disso, preocupa o fato de que as mídias são o principal meio de aproximação dos estudantes com o tema, pois como explicado por Zunin (2008), a busca por audiência muitas vezes anula o compromisso social necessário para discutir de forma crítica e profunda a prevenção e o enfrentamento da violência escolar. Em vez de oferecer uma análise profunda e contextualizada, as mídias tendem a buscar respostas simplistas e individualizantes, culpabilizando e patologizando o autor da violência, enquanto ignoram os múltiplos fatores que contribuem para essa problemática.

Com isso, ressalta-se como essa dependência das mídias como principal fonte de informação para os universitários da área de educação é preocupante, pois pode derivar em uma compreensão distorcida e superficial da realidade escolar e da violência nela existente, comprometendo assim, a capacidade desses futuros profissionais de abordarem o tema de maneira crítica, contextualizada e efetiva.

Sobre a ausência de discussão acerca do tema violência escolar nos cursos de formação ligados à área da educação, estudos como de Badia, Poli e De Souza (2014) e Barrocas e Dos Santos (2022) observam que a falta de abordagem e reflexão sobre questões contemporâneas que afetam a realidade

das escolas provoca uma desconexão entre teoria e prática. Sem uma preparação adequada para lidar com esses desafios, os futuros profissionais enfrentam uma lacuna significativa em sua formação, o que compromete inevitavelmente sua capacidade de abordar a violência escolar de maneira crítica e efetiva, tornando a práxis educacional mais difícil de ser alcançada.

Badia, Poli e De Souza (2014) destaca que os currículos dos cursos de licenciaturas são geralmente focados em teorias que, muitas vezes, não se alinham com os desafios da prática profissional, baseando-se em um modelo idealizado de escola. É fundamental, portanto, incluir o debate sobre violência escolar nos momentos de supervisão e orientação dos estágios, uma vez que estes são momentos cruciais que proporcionam o contato com vivências reais do cotidiano escolar de forma que se torna possível repensar de maneira inventivas práticas de intervenção.

Os entendimentos dos futuros profissionais da educação sobre a prevenção e o enfrentamento da violência escolar

Nesta categoria de análise buscamos identificar exemplos de práticas que os graduandos consideram efetivas para lidar com de violência escolar. A partir disso, observou-se que os participantes enfrentaram dificuldades para fornecer exemplos concretos de atuações qualificadas.

As falas enfatizaram, primeiramente, a importância de adotar uma postura ativa e combativa ao presenciar episódios de violência no contexto escolar. Revelando-se assim a consciência dos estudantes sobre a problemática de se manter neutro, *"fingir que não vê"*, ressaltando, portanto, a importância de *"não se calar quando vê a violência acontecendo"*. Ressaltamos ainda que essas falas, de crítica a postura de negligência dos profissionais da educação frente a casos de violência escolar, vinham justamente a partir de um episódio que os graduandos presenciaram em seus tempos de escola ou de colegas e familiares.

Participante 11: "Eu já vi casos de violências gravíssimas serem omitidas pela própria escola. Então, acredito que, mesmo que seja preocupante e criminoso, a escola, se quiser defender e encobrir, vai fazê-lo. Isso depende dela e da sua consciência."

Participante 5: "Fizeram isso com a filha de uma amiga. Criaram um grupo no WhatsApp, colocaram fotos dela e fizeram várias figurinhas da jovem. Depois, adicionem ela no grupo. Por exemplo, o nome da menina é Laura. E tem uma musiquinha, a tal da 'Vaca Laura', que ficaram mandando para ela várias vezes: 'Vaca Laura, Vaca Laura, Vaca Laura.'"

Participante 5: "Não teve nada. A escola disse que era uma briga de crianças, uma brincadeira de mau gosto, e que elas deveriam se acertar entre si. Disseram também que os pais deveriam orientar as crianças a respeito."

Participante 1: "Eu acho que isso é o mais grave nas escolas. Porque é aquela coisa de 'está acontecendo', e os orientadores dizem: 'Ah, não, isso é normal, acontece.' Mas até quando isso vai acontecer? Até que ponto pode acontecer? [...] Chega um momento em que a escola simplesmente fala: 'Não vou mais me responsabilizar por isso, porque é muita coisa para mim. Deixa que eles se entendam.' E essa é a parte que mais prejudica os alunos, porque, quando estamos dentro de uma instituição, esperamos poder contar com ela, que possamos ser protegidos por ela, independentemente de qualquer coisa. Quando isso não acontece, sentimos que estamos sozinhos, sem ninguém para contar ou confiar. Muitas vezes, isso reflete na vida adulta e a pessoa nem percebe. É uma insegurança ou medo que a pessoa carrega, sem entender o motivo. Isso porque, lá na escola, ela não teve o apoio que precisava, não pôde contar com ninguém."

Ao examinar essas falas, compreendemos que os graduandos descrevem momentos em que presenciaram situações de banalização da violência escolar, no qual os profissionais pareciam atuar de forma a negligenciar as situações de violência, não adotando práticas de enfrentamento e prevenção destas violências. No entanto, apesar da triste realidade, como ressaltam alguns dos participantes, identifica-se como ponto positivo o fato de que os estudantes se posicionam criticamente diante dessa situação, demonstrando compreensão sobre a problemática e as consequências dessa postura.

Essa postura de negligência frente à violência escolar cotidiana é explorada na pesquisa de Silva (2013), que identifica dois motivos principais para essa omissão. O primeiro seria a dificuldade em diferenciar casos de violência de casos de indisciplina ou 'brincadeiras de mau gosto'. Como resultado, formas de violência consideradas 'leves' pelos profissionais, como ofensas verbais e psicológicas, são negligenciadas e banalizadas. Ressaltamos ainda que frequentemente esses casos "mais leves" precedem agressões físicas e outras situações mais graves, em que uma intervenção adequada poderia prevenir o agravamento do problema.

Como segundo motivo, Silva (2013) relata que a omissão é também derivada da frustração decorrente de experiências anteriores malsucedidas, nas quais os profissionais relatam não terem obtido resultados satisfatórios no enfrentamento a violência, levando-os a uma postura fatalista.

Dentro dessa discussão, Dos Santos, de Paula e Allain (2023) argumentam ainda que a negligência, omissão ou isenção por parte da escola e de seus profissionais diante de denúncias e do conhecimento de casos de violência, configuram uma segunda forma de violência escolar. Nesse sentido, a partir da classificação de Charlot (2002), temos aqui um exemplo da "violência da escola", pois nela os estudantes são vítimas de violência institucional devido à maneira como a instituição e seus agentes os tratam, incluindo casos de negligência e omissão educacional.

A partir dessas falas sobre omissão e negligência, a estudante destacou a importância de ter "uma rede de apoio" dentro da escola para ser possível uma atuação qualificada frente aos casos de

violência escolar. Essa rede seria crucial para garantir que as práticas de combate e enfrentamento à violência fossem implementadas de maneira viável e eficaz.

Participante 2: “E ter uma rede de apoio também, né? Porque, às vezes, não adianta só não se calar, é preciso ter apoio. Porque muitas vezes, o que faz a pessoa se calar é justamente a falta de apoio do sistema ou até mesmo da instituição. Acho que tem que existir uma rede de apoio a partir do momento em que você não se cala”.

A partir do relato da Participante 2, conseguimos refletir sobre a ineficácia de ações pontuais vindas de um único profissional, principalmente quando este não terá apoio de outros membros da comunidade escolar para prosseguir sua intervenção. Ressalta-se sobre o quanto é crucial pensarmos ações coletivas que envolvam toda a comunidade escolar para obtermos o sucesso nas intervenções no ambiente escolar. Dessa forma, as iniciativas de enfrentamento à violência escolar, assim como qualquer medida da escola, necessitam-se do comprometimento integral de todos os membros que compõem a comunidade escolar, evitando ações isoladas, fragmentadas ou individuais.

Nesse sentido, Vinha et al. (2023) destaca a relevância de promover uma cultura de paz e de valorização das diversidades no ambiente escolar, uma vez que essas iniciativas representam respostas promissoras para a prevenção e o combate à violência. A construção de ações que impactem positivamente o clima e a convivência escolar é essencial, pois, se desejamos que a escola seja um ambiente acolhedor e de suporte, é necessário atuar diretamente na melhoria desses aspectos.

Entende-se que tais ações devem ser colaborativas e envolver alunos, professores, gestores, pais, e toda a comunidade escolar, somente assim, será possível criar um ambiente seguro e propício para o desenvolvimento integral de todos os envolvidos. Sobre esses conceitos Moro, Pagaime e Knoener (2024) explicam que:

“Compreende-se que o clima é um elemento da convivência escolar. Esta é mais abrangente e aquele pode ser representado por um recorte temporal, uma fotografia do ambiente escolar percebido por quem faz parte dessa convivência, contemplando ainda chamada cultura escolar, a qual abarca, dentre outros aspectos, as relações entre as pessoas, como elas valorizam tais relações, como se organizam para as tomadas de decisões e como lidam com as relações de poder e hierárquicas, conforme veremos a seguir.” (Moro, Pagaime e Knoener, 2024, p.60)

Pensando ainda sobre a similaridade entre os conceitos de Cultura e Clima, Heloisa Lück (2011) elucida a diferenciação de através de uma analogia didática. Construída a partir da imagem de um iceberg, o clima escolar se refere ao conteúdo possível de ser observado, que está sobre a superfície da água, enquanto o submerso representa a cultura da escola composta pelo conjunto de percepções sobre a vida escolar.

Outro ponto levantado pelos participantes como fundamental para uma atuação qualificada

frente ao contexto da violência escolar é o cuidado com o agressor. Estes enfatizam a importância de buscar compreender seu contexto em que o aluno está inserido e as razões que o levaram a cometer tal ato, como ilustra o Participante 5 ao afirmar que “é preciso tentar entender esse aluno. Como ele chegou a esse ponto, qual é a estrutura que ele tem, qual é a história de vida desse indivíduo.”

A partir dessa perspectiva, foi ressaltada a importância do profissional de psicologia nas escolas, destacando, contudo, que esse profissional deve ser bem qualificado para desempenhar essa função. Pois a falta de preparo pode agravar as situações, em vez de solucioná-las:

Participante 2: "É aí que sinto falta do psicólogo na escola, porque acho que ajudaria bastante nesses casos. Na questão de entender o porquê e, até mesmo, não apenas remediar, mas prevenir os acontecimentos, observando como os alunos estão."

Participante 4: "Um psicólogo despreparado na escola faz muito mais estrago do que ajuda. No ensino médio, tive um transtorno alimentar, e quando conversei com a psicóloga da escola, ela compartilhou o que eu disse com os alunos e professores. Os próprios professores começaram a fazer bullying comigo. Então, acho que, quando o psicólogo não é bem-preparado, só prejudica."

Participante 7: "Já ouvi um caso em uma escola particular em que havia uma psicóloga e, quando uma menina estava passando mal, com cólica e dor, a psicóloga disse: 'Ah, mas todo mundo sente dor, você está de frescura', expondo a situação para todos. Acho que isso é uma superexposição, o que acaba prejudicando ao invés de ajudar. Às vezes, a pessoa nem faz por maldade, acha que está ajudando, mas na verdade não está."

Esses relatos evidenciam que os estudantes possuem uma visão crítica sobre a presença do psicólogo na escola. Eles compreendem que a simples presença do profissional nesse ambiente não é suficiente; sem que este tenha uma prática qualificada e sensível às complexidades do contexto escolar. Além disso, os estudantes demonstram não caírem em uma lógica culpabilizadora ou patologizante em relação ao autor da violência, demonstrando um entendimento claro da importância de uma atuação crítica e de compromisso social.

Por último, denota-se ainda que os exemplos giravam sempre em torno de uma lógica de enfrentamento a violência, e não de prevenção destes casos. Reafirmando assim a manutenção de uma dinâmica comum ao cotidiano escolar que gira em torno de uma prática imediatista, que visa apenas “apagar incêndios” sem pensar uma atuação que tenha como horizonte a prevenção a violência escolar, através das práticas de incentivo a criação de um ambiente respeitoso, com base na melhoria do clima e convivência escolar, na promoção de uma cultura de paz dentro da escola.

Caminhos para aprimorar na formação inicial para habilitar profissionais, de forma qualificada, para o

enfrentamento da violência na escola

Antes de tudo, é importante retomar o tema já abordado como o primeiro tópico da análise do Grupo: a relevância de trazer o debate sobre a violência escolar para dentro das salas de aula das universidades. Se o objetivo é formar profissionais com uma práxis transformadora, capazes de lidar de maneira eficaz com o fenômeno cotidiano da violência escolar, é necessário estabelecer uma conexão sólida entre teoria e prática.

Todavia, embora os estudantes relatem a ausência de uma discussão teórica sobre a violência escolar durante a sua formação, se observa, uma certa despreocupação por parte dos estudantes quanto à importância da discussão teórica e de orientações técnicas para uma atuação qualificada no contexto da escola, especificamente em casos de violência. Porém, isto levanta uma alerta: como é possível desenvolver uma práxis qualificada sem um embasamento teórico e técnico que sustente as ações realizadas?

Por outro lado, percebemos que logo que perguntamos o que seria necessário para melhorar e aprimorar a formação, capacitando os para atuar em contextos de violência escolar prontamente os estudantes citaram a importância do contato com a escola e a sala de aula, como vemos a seguir:

Participante 8: "Eu acho que a vivência vai te ensinar muita coisa. A teoria pode vir de qualquer jeito, mas, se você nunca tiver experiência, não vai saber como enfrentar as situações. Então, pode me dar um estágio, porque só vou de fato entender o que é estar dentro de um ambiente escolar, seja como professor ou psicólogo, quando eu passar pelo dia a dia, recebendo os desafios que surgem numa escola. Lidando com alunos em crise, e, quando falo crise, me refiro à crise de idade, como 'não suporto olhar para o meu amigo, quero bater nele'. É esse tipo de crise, assim como lidar com os professores."

Participante 3: "Então, a pessoa vai realmente aprender o quanto a escola pode ser cruel e maluca, trabalhando dentro dela, aprendendo de verdade em todos os aspectos e nuances que ela oferece. Na formação, se conseguirem proporcionar essa vivência da realidade, isso já vai auxiliar muito na capacitação profissional."

Com essas falas, percebemos que os estudantes têm consciência e valorizam a importância da prática e do contato com a realidade escolar, como um caminho essencial para uma formação qualificada. Estando dessa forma em concordância com Martín-Baró (2017) sobre a necessidade de se ter um “banho de realidade”, neste caso da realidade escolar, pois como expresso pelo autor só assim é possível realizar uma leitura crítica da realidade com objetivo de transformação, largado mão do tradicional idealismo metodológico para caminhar para um realismo crítico.

Para Martín-Baró (2017), é somente por meio desse contato com a realidade concreta que se torna possível realizar uma leitura crítica, capaz de promover transformações sociais e educacionais, neste contexto o autor reforça que ao abandonar o idealismo metodológico tradicional caminha-se em direção a um realismo crítico, que valoriza as vivências práticas como fundamento para ações reflexivas e transformadoras. Dessa maneira, a prática cotidiana nas escolas não só contribui para a formação técnica, mas também para a construção de uma consciência crítica e ética, fundamental para o enfrentamento das questões estruturais presentes na educação, como a violência escolar e as desigualdades.

Concordamos então com Rechtman e Bock (2019), Ferreira et al. (2019), Constantino e de Carvalho (2023), e Da Silva e Silva (2021), ao reconhecerem que o estágio representa um momento crucial de imersão na realidade escolar e de aproximação entre teoria e prática, sendo esse um período fundamental para uma formação qualificada.

Ao final do Grupo, os participantes destacaram que o momento do grupo se configurou como um espaço valioso para o diálogo e a troca de reflexões entre os dois cursos, ampliando significativamente o debate. Como observamos nas falas a seguir, as estudantes de Psicologia enfatizaram a importância de escutar as estudantes de Pedagogia para compreender outros saberes e perspectivas:

Participante 11: "Foi bom esse misto com a pedagogia. Vocês não focaram na pesquisa de vocês, obviamente, só na psicologia, sendo vocês do curso de psicologia, mas a contribuição da pedagogia foi uma troca saudável para a gente, da psicologia. Às vezes, temos uma visão dos ATs, e eles trazem uma visão diferente, com outra perspectiva, do que se espera, o que é e o que não é o trabalho deles."

Participante 5: "Eu saio daqui mudada, porque minha visão era puramente de aluna. O depoimento da outra participante (uma estudante de Pedagogia) traz a questão de como é complicado tentar nos controlar, é muita gente. Quando você (referindo-se à estudante de Pedagogia) traz a visão do professor que está ali, no meio de trinta alunos, tentando lidar com tudo isso, a gente entende outro lado. Então, precisamos capacitar os professores. Não estou dizendo que eles não estejam preparados para lidar com as dificuldades, mas nós, da Psicologia, também precisamos estar. Não temos controle."

Da mesma forma, um estudante de Pedagogia também ressaltou o valor dessa aproximação com a Psicologia, sendo suas colocações confirmadas e reforçadas pelos demais participantes.

Participante 3: “Eu concordo, foi muito boa essa integração entre a Pedagogia e a Psicologia. A gente nunca teve esse momento de troca entre cursos, e fiquei pensando o quanto seria bom, pois hoje o pessoal da Psicologia me fez pensar em coisas que eu nunca tinha pensado.”

Essas falas evidenciam que o aprimoramento da formação inicial dos futuros profissionais da educação perpassa, necessariamente, por momentos de diálogo e reflexão interdisciplinar entre cursos distintos, capazes de promover trocas significativas e ampliar a compreensão sobre a complexidade do trabalho educativo. Esse tipo de vivência formativa contribui para a construção de uma visão mais ampla, crítica e integrada das práticas escolares, superando perspectivas fragmentadas e fortalecendo a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento.

Ao aprofundarmos essa análise, observamos que tais experiências revelam uma lacuna persistente na formação inicial, que ainda não prepara os(as) estudantes para uma atuação interprofissional e intersetorial. Essa ausência é preocupante, considerando que, conforme o *Documento de Subsídios para a Implementação da Lei nº 13.935/2019* (BRASIL, 2025), a ação intersetorial constitui um eixo fundamental da atuação de educadores(as), psicólogas(os) e assistentes sociais nas redes públicas de educação básica, pois possibilita respostas coordenadas e contextualizadas diante de situações de violência e outras violações de direitos.

Pensando especificamente na importância da intersetorialidade nos contextos de violência escolar, o *Relatório de Política Educacional: Ataques de Violência Extrema em Escolas no Brasil – Causas e Caminhos* (Brasil, 2025) orienta que as equipes multiprofissionais devem atuar como instâncias articuladoras, promovendo o compartilhamento de informações, a realização de debates cotidianos e a criação de protocolos de ação conjunta com a Rede Intersetorial do Sistema de Garantia de Direitos (SGD) no território, assegurando a proteção integral de educandas e educandos.

Assim, é possível enfatizar que a formação intersetorial deve ser uma diretriz essencial para a efetivação de práticas comprometidas com os direitos humanos e com a proteção integral, principalmente em contextos de violência escolar. Compreende-se, portanto, a importância de investir em experiências formativas que promovam o diálogo entre cursos e áreas distintas, pois tais espaços não apenas fortalecem a compreensão da complexidade do trabalho educativo, como também preparam futuros profissionais para uma atuação integrada, colaborativa e eticamente orientada nas redes públicas de ensino.

No livro *Violência e preconceitos na escola: contribuições da Psicologia* (UFMT, 2019), destaca-se que as violências que ocorrem no contexto escolar refletem as diversas formas de violência presentes na sociedade. Essas manifestações podem incluir agressões físicas, verbais, psicológicas e sexuais, ameaças de gangues, ações contra o patrimônio público (como depredações, pichações, ameaças de bomba, arrombamentos e sabotagens), ações contra bens alheios (furtos, roubos e depredações), além do uso e tráfico de drogas e de agressões envolvendo professores e estudantes. A pesquisa evidencia ainda que essas ações violentas estão intimamente articuladas a diferentes formas de discriminação e preconceito, como machismo, LGBTfobia, racismo, capacitismo, entre outras expressões de hostilidade que atravessam a vida escolar.

Diante desse cenário, torna-se essencial que a formação inicial seja capaz de instrumentalizar os estudantes para refletirem criticamente sobre esses conflitos, reconhecendo-os como expressões de violência e evitando os processos de naturalização e banalização que já foram abordados nesta pesquisa. Para isso, concordamos com Toledo (2024) que é fundamental que o processo formativo proporcione não apenas o acesso a teorias, técnicas e práticas que embasam futuras intervenções, mas também que favoreça o desenvolvimento de uma consciência ética e política, permitindo que os futuros profissionais se reconheçam como sujeitos ativos e comprometidos com a construção de uma escola mais justa, democrática e segura.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos destacar pontos cruciais que emergem do debate abordado nesta pesquisa. Inicialmente, percebe-se que o processo de banalização e normalização da violência escolar se confirma, como apontam os estudos deste campo. É possível identificar, através dos relatos de graduandos de Psicologia e Pedagogia sobre suas experiências em escolas, seja como alunos ou estagiários, a pesquisa responde a sua questão norteadora sobre como a banalização da violência repercute nas escolas, evidenciando que essa é uma realidade recorrente que resulta em uma postura de negligência generalizada e na ausência de intervenções adequadas diante dos casos de violência. Os estudantes destacaram que, muitas vezes, se deparam com situações de violência que são minimizadas ou ignoradas, tanto por parte dos profissionais quanto pela gestão escolar, o que contribui para o perpetuamento desse ciclo de indiferença. No entanto, encontramos um elemento positivo em relação a isso: a consciência crítica dos estudantes sobre as problemáticas e consequências da banalização e da

negligência da violência nas escolas

Entretanto, ao nos aproximarmos do nosso problema de pesquisa e ao investigar como a formação inicial prepara esses graduandos para lidar com a violência escolar, evidencia-se uma das principais fragilidades do processo formativo atual: a escassez de debates teóricos e técnicos sobre o tema nas disciplinas. Essa lacuna leva muitos estudantes a apoiarem-se em referências midiáticas ou em experiências empíricas, sem o devido suporte teórico-científico. Para além disso, estes estudantes não expressam claramente a falta de debate teórico como um elemento que entendem que deve ser melhorado na formação, não compreendendo a problemática da ausência do debate teórico como complementar a parte prática que estes estudantes tanto valorizam. Pois, como afirmado por diversos participantes, a experiência de estágio é vista como um momento de aprendizado fundamental, no qual puderam observar de perto a complexidade das situações, mesmo que não tivessem as ferramentas teóricas necessárias para abordá-las de maneira mais qualificada.

Compreendemos então que, na perspectiva desses estudantes, os estágios são considerados um momento valioso de contato com a realidade e o cotidiano escolar, em que, independentemente da teoria e técnica aprendida em sala de aula, acreditam aprender o essencial para atuar no contexto escolar através da experiência prática. Isso, porém, revela uma falta de compreensão sobre a importância do contexto teórico e técnico para embasar e sustentar a construção de práticas mais eficazes. Isso se apresenta na dificuldade de pensar práticas de intervenção e prevenção a violência. Diante disso, defendemos que a formação teórica deve caminhar junto à prática, articulando o conhecimento técnico e científico às dimensões éticas e políticas da atuação profissional, de modo a preparar educadores e psicólogos para atuarem de forma colaborativa na promoção de uma cultura de paz e de garantia de direitos no ambiente escolar.

Neste cenário, evocamos a defesa de Rechtman e Bock (2019), que afirmam que a graduação é um momento essencial para a construção de sujeitos e profissionais éticos e críticos. Dessa forma, é necessário realizar reposicionamentos teórico-metodológicos para enfrentar os desafios políticos e práticos que surgem no processo formativo. A graduação não deve ser apenas um momento de reprodução de saberes, mas também de superação e transformação. A formação precisa ser mais do que um simples processo de transmissão de conteúdos, deve ser um processo de construção e transformação, que permita aos estudantes questionarem e transformarem as práticas existentes, além de capacitá-los para lidar com os desafios concretos do cotidiano escolar, como apontam Rechtman e Bock (2019).

A integração entre cursos diversos, como Psicologia, Pedagogia e outras áreas voltadas à educação, mostra-se essencial para a consolidação de uma formação comprometida com a intersetorialidade, elemento essencial para uma atuação em contextos de violência escolar. Conforme evidenciado pelos depoimentos dos participantes, o diálogo entre diferentes campos do saber possibilita uma compreensão mais ampla e contextualizada da violência escolar, reconhecendo-a como um fenômeno complexo que demanda respostas coletivas e articuladas. A troca de saberes e experiências entre as áreas amplia o repertório teórico e prático dos futuros profissionais, favorecendo a construção de estratégias conjuntas de enfrentamento e prevenção da violência, alinhadas às políticas públicas e aos princípios da proteção integral. Dessa forma, é imperativo que os espaços formativos estimulem a produção de novos conhecimentos e práticas que fortaleçam uma atuação intersetorial e interdisciplinar no cotidiano escolar.

Dessa maneira, é imperativo que, nesse ambiente, sejam produzidos novos conhecimentos e saberes, capazes de gerar um reposicionamento teórico-metodológico adequado para lidar com os desafios do cotidiano escolar. A formação teórica deve ser aliada à prática, mas sem desconsiderar a importância do conhecimento técnico e científico na resolução dos problemas da violência escolar.

Por fim, concordamos com Toledo (2024) sobre a necessidade de posicionamentos teóricos sólidos e do desenvolvimento de elementos críticos, tanto na formação inicial quanto na continuada, de modo que possibilitem a construção de uma postura crítica e inventiva no exercício da profissão nas escolas. Esse reposicionamento é fundamental para que os profissionais formados possam atuar de forma transformadora e qualificada diante das complexas questões da violência escolar, garantindo a construção de um ambiente educacional mais seguro e respeitoso para todos os envolvidos.

Referências

BADIA, D. D.; POLI, A. P.; SOUZA, N. C. A. T. **A temática da violência escolar na formação docente inicial: das lacunas existentes às discussões necessárias.** Caxias do Sul: Conjectura: Filosofia e Educação, v. 19, n. 3, p. 171-184, 2014.

BARROCAS, R.; SANTOS, E. T. **A perspectiva do supervisor de estágio no ambiente escolar: reflexões a partir da experiência do curso de Geografia da UFMS/CPAQ.** Sobral: Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), v. 24, n. 3, p. 532-550, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento de subsídios para a implementação da Lei 13.935/2019: prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de educação básica.** Brasília, DF:

MEC, 2025. Disponível em: https://www.cfess.org.br/uploads/revista/5065/qhcl9S8rXl36D3sjYZ2XviqC-R_P5mwQ.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Brasília, DF: MEC, 2023.

BURIOLLA, M. A. F. **Estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Porto Alegre: Sociologias, n. 8, p. 432–443, jul. 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Técnica CFP n.º 8/2023 — A Psicologia na prevenção e enfrentamento à violência nas escolas**. Brasília, DF: CFP, 2023.

CONSTANTINO, A. L. R.; CARVALHO LEITE, J. **A importância do estágio supervisionado para uma formação crítica: um relato de experiência em aulas de Biologia**. Santa Maria: Revista Insignare Scientia (RIS), v. 6, n. 6, p. 750-757, 2023.

CRUCES, A. V. V. **Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade**. In: ALMEIDA, S. F. C. (org.). *Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea, 2006.

DA SILVA, E. R. F.; SILVA, K. L. **Importância do estágio supervisionado para a formação docente em Geografia**. Curitiba: geTup – Revista de Educação Geográfica. UP, n. 5/6, p. 21-30, 2021.

DOS SANTOS, K. M. S.; DE PAULA, S. T. J. M.; ALLAIN, L. R. **A violência escolar e suas manifestações em uma instituição de educação básica**. Brasília: Educação Básica Revista, v. 9, n. 2, p. 29-52, 2023.

FERREIRA, F. G.; CARVALHO, M. M.; GOMES, Y. A. F.; ALARCÃO, L. C. P.; GALVÃO, D. M.; MARINHO-ARAUJO, C. M. **Estágio supervisionado em psicologia escolar: uma experiência na perspectiva institucional**. Passo Fundo: Revista de Psicologia da IMED, v. 11, n. 1, p. 202-216, 2019.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D. **Por trás das lentes: o estágio como campo de formação e construção da identidade profissional docente**. Ponta Grossa: Revista Hipótese, p. e021017-e021017, 2021.

LÜCK, H. **Gestão da cultura e do clima organizacional na escola**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MACHADO, A. M.; FONSECA, P. F. **Violência contra as escolas: reflexões**. São Paulo: Opinião ADUSP, 2023. Disponível em: <https://adusp.org.br/opinioao/opinioao-violencia-as-escolas-reflexoes/>.

MARQUEZ, M. O. **Adolescência contemporânea e a espetacularização midiática da violência escolar**. Belo Horizonte: Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 6, n. 12, p. 514-525, 2023.

MARTÍN-BARÓ, I. **O psicólogo no processo revolucionário**. In: LACERDA JUNIOR, F. (org.). *Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORO, A.; PAGAI ME, A.; KNOENER, D. F. (org.). **Construção e validação de instrumentos de medida para o diagnóstico da convivência escolar para a Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME/SP)**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas (Textos FCC: Relatórios técnicos, 66), 2024.

RECHTMAN, R.; BOCK, A. M. B. **Formação do psicólogo para a realidade brasileira: identificando recursos para atuação profissional**. Brasília: Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35, p. e3551, 2019.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A.; BAZON, M. R.; CECILIO, S. **Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores**. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.

SILVA, T. D. B.; SILVA, M. R.; JESUS, F. A. **Bullying escolar e preconceito: aproximações e distanciamentos**. Goiânia: Psicologias em Movimento, v. 1, n. 1, p. 23-47, 2021.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social**. Santa Maria: Educação (UFSM), v. 35, n. 3, p. 449-463, 2010.

TOLEDO, R. **A Psicologia vai à escola: aportes para a implementação da Lei 13.935/2019**. São Paulo: Revista Parlamento e Sociedade, v. 12, n. 22, p. 101-119, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT) et al. **Violência e preconceitos na escola: contribuições da Psicologia**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2019.

VILALBA, T. N. B. **Violência simbólica, educação e psicologia sócio-histórica em movimento aos massacres escolares**. Dourados: Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

VINHA, T. P.; GARCIA, C.; NUNES, C. A. A.; ZAMBIANCO, D. D. P.; MELO, S. G.; LAHR, T. B. S.; PARENTE, E. M. P. P.; FOGARIN, B.; OLIVEIRA, V. H. H. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos**. São Paulo: D3e, 2023.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Campinas, SP: Temáticas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

WELLER, W. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006.

ZUIN, A. **A educação de Sísifo: sobre ressentimento, vingança e amor entre professores e alunos**. Campinas, SP: Educação & Sociedade, v. 29, p. 583-606, 2008.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Giulia Padovani Santana.